



Quinzenario Humorístico e Literário

DIRECTOR E EDITOR,
Artur Fernandes de Freitas

ADMINISTRADOR,
Alberto Pimenta Machado

SECRETARIO DA REDACÇÃO — *A. Faria.*

PROPRIEDADE DA EMPRESA DE «A Sentinela»

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua de Camões, 55 ☿ Typ. Minerva Vimaranesense

COMPOSTO E IMPRESSO NA

I ANO Guimarães. 21 de Janeiro de 1917 NUMERO 9

DISCURSANDO

Snr. Presidente!

Mais uma vez tenho a honra de levantar aqui a minha voz, e d'esta, para referir-me a um vicio que ha muito campeia infrene nesta vetusta e laboriosa cidade, uma das mais bellas e encantadoras do Minho; neste ninho de amores, onde os melros, os de bico amarello, assobiam alegremente e os pintasilgos de duas bétas trinam suavissimas canções; nesta terra justamente cognominada — **Boa madrastra**; — nesta terra que apenas tem contra si o permittir que em seu seio floresça o reles soalheiro e medre a infamissima detração; aqui nesta linda terra que brevemente vae ter um parque grandioso em volta do Castello, e o almejado concerto na avenida que une o Toural ao Cavallinho; nesta terra, enfim, á beira Selho plantada e a quem o murmurante regato da Trapola acaricia e carinhosamente lava a rendilhadas fraldas e as remendadas cuecas.

Refiro-me ao jogo, snr. presidente e meus senhores.

Rifiro-me a esse maldicto vicio, que a auctoridade tem de reprimir o mais rapidamente possivel.

Sim, urge que a nossa policia, a quem a Camara paga, não continue de olhos vendados e a fazer ouvidos de mercador, deixando de ver o que todos observam e de escutar as supplicas e os rogos da imprensa, que são, afinal, as supplicas bem sinceras e bem sentidas d'uma terra inteira e os rogos afflictivos de centenas de creancinhas que dolorosamente se debatem á mingua de pão! (*Apoiados*).

E' preciso, é forçoso, custe o que custar, que immediatamente e sem contemplação de especie alguma, se tranquem d'uma vez, e para sempre, ás portas d'essas infamissimas espeluncas, d'essas sinistras cavernas, d'esses antrós macarenos onde humildes operarios e outros mais... vão largar, todas as noites, á camisa e a pelle, ou seja o dinheiro, que

durante o dia auferiram á custa d'um honrado e insano labor. (*Muitos apoiados*).

Eu sei, snr. presidente; eu sei que é difficil, muito difficil mesmo, pôr cõbro d'uma assentada a tão grande e pernicioso mal; todavia, com energica vontade tudo se faz, tudo se realisa e tudo se consegue.

Basta que a digna auctoridade lhes dê com a moca de lei.

Vozes:—Moca! Moca! Cumprase a lei! Cumprase a lei! Abaixo a **batota!** Moca! Muita força de moca!

Ao versar aqui este assumpto, no que não sinto o menor regosijo nem o mais leve prazer, não é intento meu amesquinhar ninguém.

Não é, não!

Eu quero tão somente combater tão desastrado vicio, que parece ter escolhido para quartel general esta linda e activa cidade, circuitada de veigas verdejantes, que muito breve vae deliciar-nos com o seu esplendido e bem afi.

O melhor calçado é o da Sapataria Elegante

Concerta-se e faz-se por medida

Passeio da Independencia—Guimarães

nado orpheon e que tão legitimamente se envaidece de ser berço de santos e de heroes!

Vozes:—Isto é que se chama fallar!... Isto é que é eloquencia!... Mas não fazes nada, meu velho!

E' preciso acabar com o monte! Urge pôr termo á **batota!**

Uma voz da esquerda: V. ex.^a falla com tal rancor, que parece até ter levado *com um valete caral!*

De cara digo eu estas verdades! Verdades amargas, é certo, mas verdades que não soffrem desmentido. (Apoiados).

Verdades que vou dizendo sempre, sem que me intimidem grosseiros apartes, fanfarronices, covardes ameaças e anonymos insultos.

Um deputado protector e amante do ximplindrin: Brevemente terei a honra de apresentar um projecto para a regulamentação do jogo.

O orador: Apresente v. ex.^a o que lhe aprouver, na certeza, porem, de que tal projecto não passará sem o meu mais formal e solemne protesto.

Regulamentar o jogo é regulamentar um vicio; regulamentar esse vicio é prestar homenagem a um crime! (*Tumultos*).

O presidente agita a campanha, os animos serenam e o orador continua:

Aqui estarei sempre como sentinella firme no seu postol! Aqui, como escravo d'um vehemente protesto a cumprir um solemne juramento!

Os batoteiros nas galerias:

Jura, jura,
A nós que se nos dá
.....
Viva a **batota!**
olá! olá!
Como a **batota**
Não ha! não ha!

O orador: Que significa isto, snr. presidente?!... Cantigas, aqui?!... Aqui, nesta casa que todos temos obrigação de respeitarmos?!...

Isto é um cahos!... Isto é demais!...

Isto é extraordinario!... Isto é horrivel e espantosamente phantastico!... E' o cumulo do atrevimento e da pouca vergonha!

Safa diabo!...

Tenho entendido; tenho comprehendido!...

Vou pôr ponto, vou terminar.

Vozes: Falle, falle que falla muito bem!

Muito agradecido! Mas fallem vossas excellencias; eu já não estou para mais! Tenho comprehendido, repito.

Vou terminar; vou terminar, não só porque me sinto algo cansado e deveras aborrecido, mas tambem porque reconheço que estou a malhar em ferro frio e que de nada já serve gastar cera com tão ruins defuntos.

Sois uns defuntos; uns legittimos cadaveres!

Vozes: Retire a expressão! Retire a expressão!

O orador: Não retiro coisa nenhuma! *Quod dixi, dixit.*

Vozes: Falle portuguez. Não sabemos latim.

O orador: Olha a novidade!... A quem o dizeis, filhos!

Termino, pois, o meu desatavido discurso, a minha singela oração, erguendo os olhos ao Ceu e invocando o glorioso Martyr, a quem um povo cheio de crença e devoção festeja hoje, ali, na igreja do nosso S. Damazo.

O' Bemaventurado S. Sebastião Milagroso, intercedei por nós, para que sejamos livres da Fome, da Peste, da Guerra, das más-linguas e sobretudo, benedicto filho de Narvona, inspire o snr. administrador e illuminae o cerebro do snr. chefe da policia, mettei-lhe na mioleira um arco voltaico, uma lampada do tamanho d'um jirimu, uma lampada de mil velas, para que nos livrem da maligna **Batota** e dos batoteiros que por ahí andam a *puxar o rabo á sota!*

Tenho concluido.

(*O orador, que bufava por to-*

dos os póros, recebeu muitos applausos e os cumprimentos de toda a camara.)

A fio de espada

?

Muito em segredo, e como estamos em familia, ousamos perguntar se nesta cidade ainda existe a tão falada filantropica sociedade protetora dos animaes.

Se ainda existe é olvio voltarmos a perguntar: tem feito essa sociedade alguma coisa?

E para que nos respondam, fazemos a pergunta sem aquela arrogancia que ataranta os medrosos e que rapidamente desmascara aqueles que, por comodidade propria, se têm encoberto no manto da indiferença e do não-te-rales, deixando por isso de cumprir o seu dever, imposto por uma obrigação de cargo e de sentimentos.

Tem feito alguma coisa?

Parece que não, pois embora haja nesta cidade uma rede, um canil, um respetivo vereador, e empregados de sobejo, preferem deitar bolas de veneno aos cães, facultando assim ao respeitavel publico um espectáculo pouco airoso e dignificante, do qual o garotio tira o tristissimo ensejo para as suas correrias e algazaras de infernal parodia, até que vejam por terra o desgraçado animal que afugentaram e espavoriram, no tremer desordenado do ultimo estertor, narinas e peito num arfar desesperado de ancias, os olhos pasmados e a boca espumante, as entranhas a arder numa febre de labaredas e a vida a esvaír se lhe numa morte lenta, horrorosa.

Se existe essa sociedade, que se sacrifique um pouquinho no louvavel proposito de evitar para futuro taes espectaculos publicos que comovem e que enervam.

Trabalhe como as suas congeneres, para que se dignifique e se imponha.

As senhoras devem trajar e preferencia os vestidos «Genero Tailleur». São os mais elegantes, os que ficam sempre mais bonitos, e sobretudo muito mais economicos. O «Alfaiate» vai a casa tirar medidas e valer os figurinhos. — Rzevedoalleu—T da Avenida—GUIMARÃES.

Da minha quinzena...

De todas as vezes que me encontro com o meu amigo A. trocamos impressões acerca do movimento literario: escriptores e livros. O meu amigo A. é um cavalheiro inteligente e sabedor e um grande apaixonado pela poesia.

A. é um mimoso e dedicado poeta que por varias vezes me tem recitado religiosamente versos da sua engenhosa lavra, composições simples e cadenciadas, graciosas e sentimentaes, cheias de lirismo e arte, trabalho que mais parece de um consagrado e não de um principiante.

Numa noite (não vae ha muito tempo) encontramos-nos numa certa casa. Por sinal que chovia abundantemente.

—Então? que mais tem lido?

—Nada, meu caro amigo.

—Comprei varios livros; entre eles o «Livro das Saudades», de Alfredo Guimarães.

—Li varias referencias elogiosas ao seu autor, em diversos jornaes.

E que tal?

—Pois eu não sou desse parecer. Hoje, estou bem arrependido gastar \$50 em semelhante livresco.

—Sim?

—E' verdade. Olhe: amanhã já lh'o posso emprestar. Leia-o e me dirá, depois, a sua opinião. Desde já o previno de que o livro deixa muito a desejar.

—Mas...

—E' o que lhe digo. O livrito contém 100 quadras, algumas boas, rasoaveis, mas as restantes (que é uma maior parte)... ainda um homem do campo, não sabendo ler, melhor as sabe cantar ao desafio.

—Mas o Alfredo tem coisas de merecimento, admira-me...

—Pois tem, mas este ultimo nem parece dele. Quadras sem sentido, incompreensíveis e sem metrificacão (ou eu sou muito burro), enfim: o meu amigo leia-o e depois me dirá as impressões.

No dia immediato foi-me entregue o livro; li-o, e concordei em tudo quanto o meu amigo A. me havia dito. O livro tem algumas quadras boas, sem duvida, mas tem tambem um grande numero delas más.

Ora vejam os leitores esta amostra:

«O' alminhas do Pinheiro!
Padre Nosso. Avé-Maria.
Ceus!—até um capitão
Do 15 de infantaria.

O' ponte do rio Neiva
Água a cantar! Verde canal
Meu amor leva um cestinho
Para a feira de Viana.

Ouvi a um cego cantar
da filha do coração;
a luz dos olhos— que agora
lhe dava saudade e pão.

Cantigas de amor e pena
tem dobrada aceitação.
Quem as canta vae movendo
as proprias pedras do chão.

Olha aquele freixo verde,
a desprender-se dos ceus.
Olha agora a minha terra,
coitada, a dizer-me adeus!...

Como os leitores leram o meu amigo A. falou acertadamente. E com franqueza: eu pasmo. Mas agora o resto: quanto a versos coxos é um desastre. Ora'reparem:

«Sei de uma herva daninha
Que neste mundo apareceu.
Muitos lhe chamam Ciume,
Miseria lhe chamo eu.

Agora me vou cantando
minhas saudades, sentidas.
Uma vida em grande pranto,
Criada de mil vidas.

Ouvi lá, pastores do Neiva:
—Se o Mem Bem aí passar,
dai-lhe saudades das minhas,
que inda' me hão de sobrar...

Acordo, e ao teu coração
que romagem, dia a dia!
Os sonhos são as flores
e os doces da romaria.

Manjaricão da janela
deitou espigo doirado.
Meu Amór, se me queres bem,
Inda te quero dobrado.

Minhas saudades, ás vezes,
põem-se a olhar e a dizer:
—Então, quando é que nos matas,
para não teres de morrer!...

Ai, no ter dos cuidados
entra malha, sobre malha,
dos sonhos que o tempo ajunta,
das maguas que o tempo espalha.

Vem a noite e eu vou pensando.
Quem me prende? E' silva brava?
Não... E' a imagem do arvoredo,
á sombra de quem beijava!...

Na senhora do Sameiro
havia arcos em barda.
Tomei sinal ao mais alto,
que o casamenao não tarda.

A lima verde, ao redor,
prende as folhas uma a uma.
Perdi hoje alguém, que ia
sem saudade nenhuma...

O' agua do mar sagrado,
passa pelo meu portal;
leva-me esta saudade
aonde não faça mal.»

E assim sucessivamente.
Que de manceos! que cortejo de coxos!
que procissão de aleijados!

Francamente: a obra não parece do sr. Alfredo Guimarães, autor da *Ilusão*, *A' borda d'agua!* A'gora parece! Parece mais do Maduro d'Atães...

ZÉ NINGUEM.

Plebiscito de "A Sentinela,"

(Secção quinzenal)

Resultado do concurso:

Fama	11	votos
José Luiz de Caldas	10	»
Rufino Esteves	8	»
Segredo	7	»
X	5	»
Cravo Roxo	5	»
Pir Ambula	3	»
Alfredo Felix	1	»

QUE É O ODIO?

RESPOSTAS

Sim senhor, bela pergunta. E então duma inspiração sublime genial, piramidal e mais coisas da mesma terminação.

Eu francamente fiquei *ètego*. E' que esta é das tais dum *home* ficar *intupido*.

Então não querem vêr. Ora digam lá, assim do pé p'rá mão, no *grande* intervalo de 10 dias —(ai vai a descarga):— O que é o odio.

Para responder a um tema dêsses é preciso consultar uma biblioteca. E feita a consulta, isto é depois de ter lido toda a livralhada que se relacionasse com estes problemas de consciência e moral—se houvesse madurão, que a tal se abalançasse,—creio bem que chegado ao fim começaria: O odio... sim, odio, é... é... eu sei o que é, cá tenho a minha ideia, mas não sou capaz de dizer, não me chega a língua.

Camisolas e ceroulas, meias, ligas e suspensorios

O mais completo sortido

CASA ELEGANTE

A mim sem nada consultar, acontece-me o mesmo. Todavia, cá no meu fraco entendimento, quasi me *baoreja* que odio, deve ser, á parte *variadíssimas* excepções, o producto das emulações da sociedade despravada e materialista. E Deus nos livre de tal prenda.

E agora, que tal saíu a coisa, hein.

Sabem que mais. Bolinhas, muitas bolinhas umas a correr atrás das outras.

Para outra vez arranjem coisa em que um *home* se possa espraíar um pouco mais e dizer muita soma de pipa de asneira.

Coimbra.

MARINDA.

O odio é a aversão mais profunda que germina num coração onde o amor, esse sentimento tão doce e tão suave, não pode crepitar intensamente.

O odio é, sem duvida um dos mais fortes adversarios do amor.

SEGREDO.

Odio: é um substantivo comum, masculino, singular.

PIR AMBULA.

O odio para uns é a Conveniencia, para outros o Amor, para outros o Interesse e finalmente para outros a Vida...

Eu não odeio ninguém.

O odio para mim não existe porque é o fomentador da amargura na Sociedade.

A todos que amam o odio, como um ethereo idolo, eu consagro o meu mais absoluto desprezo...

XILEF DOERFLA.

O QUE É A MULHER?

N. da R.

No proximo publicaremos as respostas que nos forem enviadas.

Vida académica

Excursão

Dizem-nos que vae grande entusiasmo entre a classe académica, motivada pela excursão que tentam levar a effeito, num dos dias da segunda quinzena, do proximo mez de fevereiro.

Apezar de haver entusiasmo, affirmam-nos que ha desentelligencias, desconstradas opiniões para a escolha da localidade a ser visitada.

Uns querem visitar Vianna do Castello, a linda princeza do Minho; outros, ou seja o maior numero, preferem voltar a Barcellos, onde, ha dois annos, foram gentil e bizarramente recebidos pelos habitantes d'aquella ridente villa.

Quem dá sorte com o caso, e com justificada razão, são os pobres paes, que allegam não correrem os tempos propicios para folias e que, por tal motivo, não estão para puchar pelos cordões á bolsa, a fim dos meninos irem para a pandega!

Que estudem; que se agarrem aos livros, dizem elles.

Que estudem para ser homens! Effectivamente, meninos, os vossos queridos paesinhos, que são muito vossos amiguinhos, que muito vos amam e muito vos estimam, teem carradas de razão.

Isso é que teem!

Os tempos estão muito bichudos, estão maus, estão pessimos! Não podem estar peores!

Não estamos em tempos para excursões!

Mas os rapazes percebem lá estas coisas!

Isso percebem elles!

Os rapazes d'hoje são... como os rapazes de sempre.

E' mocidade!

E não percebem, porque teem quem lhes ponha sempre, ás horas, a comidinha na meza.

Se não fosse isso!... Se a bar-

riquinha andasse a dar horas!...

Ai!... Ai!...

Sois bons rapazes, almas generosas, (lá isso sois!) mas não sabeis o que são despezas nem tão pouco avaliaes o sacrificio, que os vossos papás fazem, para vos trazerem por aqui limpinhos e acadinhos.

Não fazeis, não!

O que quereis é brincadeira!

E não vos lembraes que está tudo pela hora da morte; tudo caro como fogo!

Um horror!

Imaginem, voces, que um chapéu, que dantes se comprava por um quatinho, custa hoje a *modica* quantia de dois mil reis!

E diz o chapeleiro que é por ser para amigos!

Muito obrigados... em nome d'uma amizade que nos custa dinheiro!...

Uns butes sete mil reis!

E umas meias solas dez tostões!

Duas coroas, meus filhos!

Um escudo por umas simples meias solas!

Que desgraça!

Estamos perdidos! Estamos irremediavelmente perdidos!

A continuar isto assim, meus amigos, bem temos de ir alçar a perna ali ao Oirado, se quizermos andar calçados.

Olé se temos!

E os rapazes a quererem passeatas!

Está boa!

Voces não gostam muito que vos fallemos assim, mas tende paciencia, meninos! Tende paciencia!

Deixae-vos de escursões; deixae isso para quando tivermos melhores dias; para depois da guerra.

Mas por emquanto, não!

Nós sabemos que, de quando em vez, é preciso e faz bem uma passeatasinha fora da terra, mas, estudantes amigos, nestas alturas, emquanto estivermos a braços com a miseria, não pode ser.

Não pode e não pode!

A briososa, a juventude a querer ir de comboio para a rapioca!

De que é que as senhoras gostam mais? Do aprumo, da elegancia e do bom gosto, e que o seu galanteador vista de preferencia no "Tailleur da Avenida".

Azevedo — Tailleur da Avenida — GUIMARÃES

A mocidade academica a querer ir atirar as capas ás janellas e gritar loucamente enamorada:

Vivam as damas!

Vivam as gentilissimas damas!

E os mestres:

Viva quem vae comer uma rapoza no fim do anno, se não estudar!

Viva! Viva!

O Foot-ball

O nosso distincto amigo e sympathico academico snr. B. V. de Moura que, ha tempos, publicou uma carta em o *Commercio de Guimarães*, para rectificar uma local publicada no *Echos de Guimarães*, participa-nos, um tanto sorridente e a piscar-nos, que já lá cantam os taes jurinhos e que ao satisfazerem aquelle pagamento, os brancos e pretos levantaram os hurras costumados entre jogadores que se presam, que se estimam e que se querem bem; hurras affectuosa e sinceramente retribuidos pelos verdes e amarellos.

Assim é que é.

A delicadeza, a cortezia, a solidariedade academica, e sobretudo, *les bons comptes font les bons amis*, como dizem os francezes... de França.

A s. ex.^a, o snr. B. V. de Moura, os nossos agradecimentos pela penhorante informação, informação que deixará de enviar ao «Echos», pois isso compete á lealdade de quem, todo lepido, informou aquelle nosso distincto collega, por occasião da primeira prestação.

A bon entendeur...

EM FOCO

Enf virtude de não terem chegado a tempo as zincogravuras, deixamos hoje de publicar esta secção, pelo que pedimos desculpa aos nossos leitores.

da Redacção.

AGRADECENDO

Aos nossos estimados collegas *Vimaranense* e *Echos do Minho*, muitos e muitos agradecimentos pelas amabilidades que nos dirigiram, louvando a nossa campanha contra a **batota**.

Cá nós, caros collegas, é assim mesmo. Não faltamos ao que promettemos.

Teem visto?

Pois ainda hão de ver mais, se Deus Nosso Senhor nos der vida e saude.

Olé!

Até aqui tem sido apenas meia duzia de morteiros a anunciar a festa.

Vae ser uma festividade muito bonita, creiam!

Ha de sahir procissão com anjinhos e... com tropa, como antigamente.

E no fim uma girandola de foguetes de lagrimas e *bonecos de fogo* a fazerem **PUM!**

CÁ POR CASA

Creemos ser do domínio do público vimaranense o que se passou na noite de 15 do corrente com a J. C. de Guimarães.

No entanto relatamos, condensando no fim, o facto sumariamente.

Previamente a direcção da J. C. d'esta cidade, annunciara uma conferencia no theatro D. Affonso Henriques por intermedio dos periodicos locais, de que alguns diarios do norte se fizeram echo.

No dia e á hora determinados o que Guimarães conta de mais distincto e fino dirigiu-se para o D. Affonso afim de ouvir os illustres tribunos Padre Julio Barroso e Dr. Francisco Veloso.

Marcava o nosso relógio 9 horas e 7 minutos da noite, quando a autoridade administrativa (que Deus a favoreça!) acompanhada d'um policia, increpa rudemente a direcção por não haver pedido

licença para realizar o sarau.

Dada uma satisfação delicadamente por alguns membros, o sr. administrador, que considerou o procedimento da J. C. *acinte*, prohiu, sem attenção alguma por aquella avalanche de senhoras e cavalheiros, a festa; á vista do que todos, verberando indignadamente tal *gesto*, se retiravam ordeiramente para suas casas. E nada mais houve.

Pergunta-se agora: o que é que provocaria resolução tam despotica, tendo a auctoridade a seu dispor uma friza d'onde commodamente podia observar tudo e assistindo-lhe o direito pleno para suspender o que fosse attentatorio á constituição?

Nun xe xabe xenhores; isto é, sabemos-lo, mas fica no tinteiro, cá por coisas.

O averiguado, porém, é que a autoridade sabia que aquella festa era puramente religiosa e nada tinha com a politica; e, porisso, prohibindo-a revelou unicamente muito rancor á liberdade de pensamento e de religião, que as claramente permitem, e melindre por os jovens se esquecerem duma etiqueta para consigo.

Pois melhor lhe era não ter feito tam indecente carantonha e guardado a bilis para *outra incastion*.

O 29.

Tres bojardas

Um nosso irmão pela amizade, enviou-nos pelo correio, a carta infra que pedimos licença para publicar, reservando, apenas, para nós, aquella parte em que se occupa de assumptos muito intimos.

Meu caro...

.....
Nunca joguei! Previnote d'esta minha qualidade para que não receies os meus elogios.

.....
D'aqui, pois, da linda Vizela

GUARDA-CHUVAS E BENGALAS, o melhor sortido

CASA ELEGANTE

CHAPELARIA MARTINS

que no verão se move e se agita e que, agora, dedilha as suas tristezas pela ausencia dos «pontos» que «marcam» por outras paragens, o meu muito saudar e a novidade, de certo, para ti agradável: os artigos da «Sentinela» sobre a batota tem sido lidos com um interesse — como direi? — com um desespero, com um rancor verdadeiramente *batotofilos!* Pois, se eu até já vi um dos muitos, que no verão, *o costuma pôr e largar-lhe os côtos*, acender-lhe um fosforo! Que o odio que por aqui vae ao teu jornal, seja um estímulo para o proseguimento da campanha iniciada! Que o auctor d'elles — que mostra talento, arte, engenho, — continue nessa obra de saneamento moral. São artigos de justiça — que não venha nenhum de mesericórdia! Que o auctor continue, que faça da pena um alfange, que as lagrimas de muitos filhos, e as benções de muitas mães o bendirão.

.....
Ao auctor dos artigos, e a ti, um grande abraço de parabens e os votos bem sinceros de que a campanha começada não caia desfeita em pó.

Vizela—16—1—1917.

J. C.

*

Sr. Director:

Diz V. no seu pilherico quinzenário, de 7, entre colérico e juco-so, que estão *a pedir a tal bola* uma porção de *cães* — e ha por aí tantos de varias especies! — que V. tem lá por casa e com os quais se vê atrapalhadissimo. Refere-se V., naturalmente áquella bola que a paginas 58 da «Sentinela» diz ter sido *generosamente* oferecida a um pobre cachorro que despreocupadamente atravessava o Tournal, fiado talvez na protecção da *protectora* do snr. A. L. de Carvalho.

Tem V. carradas de razão, mas olhe que a ameaça de lhes escarapachar *a sua graça* no jornal

em letras garrafais não surte efeito algum, porque o caloteiro, que o é, não tem vergonha absolutamente nenhuma e acha até que isso é uma virtude e, o que é pior, *morde* na casaca das suas vítimas como recompensa da evangelica paciencia das mesmas.

Pois não os vê V., snr. Director, passeando e cavaqueando até com as pessoas gradãs, rodeados de considerações, apesar de lhes saberem a manha?

Pois não sabe V. que esses *meninos* passam pelas vítimas ou pela porta das mesmas com uma naturalidade que toca as raías do descaramento, tendo ainda respostas irritantes quando se lhes manda pedir o que nos pertence, passando de largo quando disto desconfiam?

Pois não vê V. que emquanto a justiça humana é solícita em mandar *liquidar* por meio da bola um inofensivo cão deixa andar livre e impunemente os piores de todos os *cães*, que ainda por cima nos mordem, nos insultam e nos caluniam?

Pois não vê V. que emquanto geme na cadeia um desgraçado que rouba um pão para comer, por necessidade, e se lhe chama ostensivamente um ladrão, se dá o direito a um caloteiro, que é um legitimo gatuno,

de não pagar e ter ainda foros de boa criatura?

Tenha paciencia, snr. Director, mas não é com o processo da escarrapachadela no jornal que V. consegue haver o seu rico dinheirinho.

Se a justiça não fôsse feita para proteger muita especie de patifes, não haveria tantas *matilhas*, nem seria preciso a gente gastar mais ainda do que aquilo que tem

a receber para as exterminar, quando não succede ficar ainda a dever-se-lhes dinheiro.

Para mim, snr. Director, — e não lhe levo nada pelo conselho — o unico processo salutar, se não fôsse a gente, alem de perder o seu dinheiro e pagar ainda em cima por bons êsses marotos, seria, previamente açamados, haver o direito de os *despir na praça*, como diz o aforismo, e dar-lhes

depois uma tremenda carga de marmeleiro, terminando por marca-los na face estanhada, a fogo, bem visível, esta legenda: Cautela com êste bicho.

Uma das muitas vítimas.

N. da R.

Caramba!
De que raça será o animal que está a ferrar nesta pobre vítima!
E' de fila pela certa!
Larga diabo!

*

Sinhor A redator

U seu jornal tem çidu muintu lidu aqi e muintu ilujiadus us contus que tem trazidu du jogu.

Inda onte nus rimus muintu nu final da Miça de Sâm Jorje.

Aqi batuteiaçe muintu e u arrejedor feixa us ôlhus Sempre gráva cunôme dus caluteirus nu jornal é bem Feita!!

Faça favor de dezer qe a qi tambem çe joga.

Sou çeu qriadu

1 óperariu da favrica dus Çumes du Sê Baz Bieira.

SECÇÃO LITERARIA

A alma do poeta

A alma que, sempre inquieta,
Procura, sem descansar,
Um ninho p'ra se acoitar,
Voando qual borboleta;

A alma que só se aquieta,
Podendo no Mundo achar
Um peito p'ra se abrigar,
E' a alma do poeta!

Primeiro contente, adeja,
Cantando a doce ilusão:
Sorri-se, sonha, verseja...

Depois, se num coração
Não acha o bem que deseja,
Se rende a desilusão!...

Murça
12 | 1 | 917 VALERIO.

Cancioneiro

III

(Quadras soltas, para o fado)
(A M. A. P.)

I

Junto a ti eu qu'ria estar,
Sentir o arfar do teu peito,
Ter por manto teus cabellos,
Teu regaço por meu leito.

II

Esses sorrisos d'amôr
Que soltas dos labios teus,
Veem cheios de meiguice
Confundir se com os meus.

III

Passa o dia vem a noite,
Confidente dos meus sonhos,
E não cessa o meu sofrer
Nem estes dias tristonhos.

IV

Passo horas esquecidas
N'uma visão sonhadora,
Pensando vêr-te risonha
N'uma auréola seductora.

V

«Quem canta seu mal espanta»
E' ditado já vulgar,
Por isso nessa illusão
Passo noites a cantar.

Guimarães, 1917.

A. F.

Merceria e Confeitaria de ADELINO JOAQUIM NEVES

Rua da República (Feira do Leite)

GUIMARÃES

Completo sortido em artigos de Merceria e Confeitaria.

Vinhos finos e Licores.

Antonio de Araujo Salgado

Artigos de moda, Fazendas brancas e miudezas. Suspensorios, Grava-
tas, Meias e Colarinhos. Luvras de algodão, de seda e de pelica para homem
e senhora. Ultimos modelos de coletes de espartilhos da fábrica SANTOS
MATOS. Chá preto e verde. Vinhos finos da CASA FERREIRINHA.

12, Rua 31 de Janeiro, 24 (Antiga Rua de Santo António)

GUIMARÃES

CASA DUARTE

Fazendas nacionais e estrangeiras. Lanificios, tecidos d'algo-
dão e bonés. Variado sortido de casimiras e outros tecidos para
homem, senhora e criança. Zefires, riscados, cotins, panos brancos
e crus, atalhados, chales, colchas, cobertores, camisas, gravatas, etc.

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Manoel A. Pereira Duarte

RUA 31 DE JANEIRO (antiga de Santo Antonio)

GUIMARÃES

Fotografia CARVALHO

Rua de Paio Galvão, 98

GUIMARÃES

Nesta bem montada fotografia executam-se com rapidez todos
os trabalhos que lhe forem requisitados, como:

Esmaltes fotograficos para medalhas, retratos em porcelana,
ampliações inalteraveis desde 2700 e retratos reclame desde 780 a
dúzia.—Trabalhos aperfeiçoados.—Preços sem competencia.

Camisas e gravatas — Casa Elegante

Antiga Chapelaria Martins

A EQUITATIVA

DE PORTUGAL E ULTRAMAR

Sociedade de Seguros Mútuos sobre a vida

Seguros Terrestres e Marítimos

Seguros de Vida

Seguros contra accidentes de trabalho

Reservas em 31 de Dezembro de 1914, Esc. 540.307,430

Indemnizações pagas, Esc. 831.261,434

SEDE SOCIAL: Largo de Camões — Lisboa

NESTA CIDADE:

O consorte Antonio Lutz da Silva Dantas

GUIMARÃES

ALFAIATERIA PROGRESSO DA MODA

—DE—

GASPAR LOPES RIBEIRO

Confecciona pelos últimos figurinos, toda a classe de obra para homens, senhora e crianças, garantindo a elegancia do corte moderno e o seu perfeito acabamento.

93, R. da República, 95

(Antiga R. da Rainha)

aonde esteve a casa HIGH-LIFE

GUIMARÃES

ALFAIATERIA RIBEIRO, F.^o

—DE—

Jacinto José Ribeiro

9, Largo da Misericordia, 10

GUIMARÃES

Confecciona pelos últimos figurinos tanto para homem como para senhora e criança.

Preços sem competencia.

MERCHEARIA

—DE—

SILVINO ALVES DE SOUZA

Rua Francisco Aguiar

GUIMARÃES

Neste acreditado estabelecimento encontram-se á venda géneros de primeira qualidade, tais como: assucar, arroz, bacalhau, massas alimenticias, chá, café, manteiga, queijo flamengo e da serra, bolacha, vinhos finos de diversas matcas, etc.

AVA

Antiga guardasolaria

CARVALHO

Executam-se todos os trabalhos

154 — Rua da República — 160

GUIMARÃES

Restaurante**Aliança**

R. do Anjo (S. Paio)

Comidas, bons vinhos, quartos, etc.

Bom serviço e preços económicos.

Proprietario:

Manoel Machado.Ex.^{mo} Snr.